

Silvino Canuto de Abreu (1892/1980): “ROUSTAING É A ANTÍTESE DE KARDEC”

A presença do pesquisador espírita Paulo Henrique de Figueiredo no Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, no dia 3 de novembro, para o lançamento de seu livro “Autonomia – a história jamais contada do Espiritismo”, permitiu conhecer melhor uma das figuras mais emblemáticas da história do espiritismo no Brasil: Silvino Canuto de Abreu, crítico vigoroso dos desvios patrocinados pela Federação Espírita Brasileira, desde que esta adotou a “extravagância religiosa” de Jean Baptiste Roustaing.

A FEB e o Roustainguismo

A nova obra de **Paulo Henrique**, baseada em documentos que estão sendo recuperados do acervo deixado por **Canuto de Abreu** comprovando os desvios sofridos pelo espiritismo, após a desencarnação de **Allan Kardec**, traz à tona também importantes depoimentos do próprio Canuto. Num deles, *“O Espiritismo e as religiões”*, Canuto comenta: *“Por não querer seguir os preceitos de Kardec, é que a Diretoria da Federação Espírita Brasileira tem semeado de incoerências a doutrina, desorientando os grupos que se deixam embair por mistificações emanadas de falsas autoridades, aceitas de pronto sem maduro exame”*.

O roustainguismo – doutrina à margem do espiritismo, criada pelo contemporâneo de Kardec, **Jean Baptiste Roustaing** (1805/1879) -, é, segundo Canuto, uma *“extravagância religiosa”*, uma *“nova seita”*, que, embora *“fulminada pelo mestre com argumentos irrefutáveis, ao vir à luz”*, foi entronizada no Brasil pela FEB com pretensões de *“impingi-la ao resto do mundo como sendo a verdadeira doutrina (de Kardec)”*. Para ele, *“de fato, Roustaing é a antítese de Kardec”*, tendo criado uma *“hibridez do Espiritismo com a superstição e o sobrenatural”*, resultando daí, com a equivocada atuação da FEB, *“um tecido de incongruências”*.

Para Canuto de Abreu, a FEB, ao adotar o roustainguismo, mesclou o espiritismo com uma *“extravagância religiosa”*.



Espiritismo não é religião

Para Canuto, *“O Espiritismo entrou no Brasil por adesão de algumas inteligências corajosas”*, entre as quais cita **Bezerra de Menezes, Dias da Cruz e Bittencourt Sampaio**. Mas, acrescenta: *“Infelizmente os hábitos devocionais, trazidos da Igreja por aqueles líderes preponderaram na sua nova orientação, imprimindo-lhe uma feição cultural em desacordo com a Doutrina”*, e complementa: *“Ao parecer deles (e tal foi o erro inicial) não se podia ser espírita sem ser forçosamente devoto de Cristo”*. Segundo Canuto, *“nasceu daí a falsa concepção de um Espiritismo sectário”*, incapaz

de despertar o interesse de pessoas originárias de outras tradições espiritualistas. Nos escritos só agora revelados do grande pesquisador da primeira metade do Século 20, Canuto advertia: *“É tempo de pôr as coisas em seus devidos lugares”*, e, para tanto, recordava Kardec: *“O Espiritismo não é em si mesmo uma religião, nem pretende substituir-se a nenhuma seita religiosa, respeita a todas”*. Concluiu afirmando, na mesma linha tantas vezes adotada por Allan Kardec: *“O Espiritismo, em suma, é o campo neutro de todas as religiões”*. Estudioso e pesquisador profundo das ciências religiosas, dono de uma cultura invejável, formado que era em Farmácia, Medicina e Direito, conhecedor do grego,

do latim, do aramaico e do hebraico, Canuto de Abreu, segundo descreve o novo livro de Paulo Henrique, tinha plena autoridade para identificar no espiritismo essa condição de situar-se como “campo neutro” de todas as religiões, sem se tornar uma delas.

Nossa Opinião

NOSSO TEMPO É AGORA

O projeto que hoje desenvolve a Fundação Espírita André Luiz, FEAL, ao qual Paulo Henrique de Figueiredo está integrado, revela que, após recolher um rico acervo de documentos e testemunhos, comprovando os tantos desvios da doutrina espírita, pós-Kardec, Canuto de Abreu, sentindo a responsabilidade que recaia sobre seus ombros, resolveu pedir a opinião do espírito Emmanuel, guia de Francisco Cândido Xavier, sobre se convinha dar divulgação a tudo aquilo. À consulta, feita em fins da década de 50 do século passado, o jesuíta desencarnado respondeu negativamente. O movimento espírita, segundo o mentor de Chico, não estava preparado para assimilar a divulgação dos conflitos internos e das históricas e equivocadas ações de maus espíritas que levaram o espiritismo a, praticamente, desaparecer na Europa, ressurgindo no Brasil, sob formato bastante diferente da proposta original.

Pode haver alguma razoabilidade no temor demonstrado por Canuto e no conselho de Emmanuel no sentido do adiamento da divulgação das “Cartas de Kardec” (projeto ora em andamento), constituído de acervo histórico que buscará esclarecer sobre desvios éticos e doutrinários, surgidos nos primórdios do movimento espírita. No que diz respeito ao Brasil, sabidamente, o espiritismo aqui chegou sob um indistigável hibridismo cristão/evangélico que desnaturou sua proposta científico-filosófica. Pela ação propagandista de sua mais importante instituição pretensamente unificadora, gravíssimos erros doutrinários, presentes na obra de Roustaing “Os Quatro Evangelhos”, foram divulgados, sob a adjetivação de “a revelação da revelação”, um estágio superior, pois, ao kardecismo.

O ambiente de misticismo e de sectarismo aqui produzido criou condições inapropriadas a uma visão científico/filosófico/moral da proposta kardecista. Parafraseando o apóstolo Paulo, numa de suas cartas aos coríntios, até então, fora oferecido nada mais que o leite compatível com o frágil organismo infantil dos profíctos do “espiritismo/cristão/evangélico/roustainguista” e que haviam a ele chegado após longo estágio no catolicismo. Ofertar-lhes, repentinamente, o alimento sólido da filosofia de Kardec poderia, de fato, constituir-se em ação extemporânea e de difícil assimilação.

Mas, do tempo de Canuto para cá algo mudou. Felizmente, nas últimas três décadas, importantes segmentos espíritas brasileiros investiram significativamente numa releitura da obra kardeciana, liberta de interpretações - muitas, inclusive, de origem mediúmica -, que a associavam ao misticismo católico/evangélico, profundamente arraigado na alma popular brasileira, seja encarnada ou desencarnada. O estudo doutrinário sério, o intercâmbio igualmente sério e racional com a espiritualidade superior, a integração com outras áreas do conhecimento humano, a pesquisa histórica, terminaram por conferir maioridade e maturidade ao espiritismo brasileiro e mundial. Jamais vivemos um momento tão rico como este, exatamente pelo pluralismo de fontes e a independência de estudiosos e pesquisadores.

A hora, pois, é esta. Nunca é tarde. Para uma proposta de nítido caráter progressista e progressivo, a renovação é tarefa de todo o dia, incitando-nos, às vezes, inclusive, a recuperar o tempo perdido.

(A Redação)



O erro de Bezerra de Menezes e de outros pioneiros da FEB, segundo Canuto, foi o de acharem que para ser espírita seria necessário ser devoto de Cristo.



Editorial

DIREITA E ESQUERDA

O espiritismo onde se situa?

“É (o espiritismo) uma doutrina que não cabe dentro de bitolas, religiosas ou políticas, tanto faz da direita como da esquerda. Nem a radicalização violenta, muito afeita a certas manifestações esquerdistas, nem as posições retrógradas, muito próprias de certas tendências direitistas.” (Deolindo Amorim – “O Espiritismo e os Problemas Humanos”)

As expressões “direita” e “esquerda” para designar posições políticas foram criadas na França do Século 18, período marcado pela Revolução Francesa, no qual as classes mais pobres, notadamente o operariado, passaram a reivindicar direitos reconhecidos como naturais, mas que lhes foram sonegados por tantos séculos. Os privilégios da nobreza e do clero seriam, então, fortemente questionados, com a instauração da Assembleia Nacional Constituinte, em cujas sessões os representantes da nobreza sentavam-se à direita, enquanto deputados representantes de camponeses e operários tomavam assento à esquerda.

A partir de então, duas grandes ideologias, embora com inúmeras e diferenciadas segmentações, foram marcando a política no mundo. Grosso modo, pode-se, conforme o magistério do filósofo político Norberto Bobbio, caracterizar a esquerda como aquele pensamento político que busca promover a justiça social, enquanto a direita tem como meta principal a defesa da liberdade individual.

Sob esses dois parâmetros de pensamento, teoricamente, tem se desenvolvido a política interna e externa das nações, ao curso destes dois últimos séculos. Os valores igualdade e liberdade, com maior ou menos ênfase, inspiram programas de governo e influem na formação de blocos de nações no campo das relações internacionais. Mas também sustentam a militância vigorosa de partidários de uma ou de outra das formas de pensar e, com muita frequência, suscitam posturas e ações extremistas conduzindo ao sectarismo, ao fanatismo, à beligerância e à intolerância.

Mesmo que, por seus excessos, tenham as ideologias alimentado, na história recente da humanidade, as guerras, as revoluções sangrentas e a perda estúpida de milhões de vidas humanas, os valores teoricamente por elas defendidos são positivos. Tornaram-se, assim, instrumentos valiosos de transformações sociais e políticas. Adirir a uma delas e fazer disso meio de promoção humana e social é, indubitavelmente, uma forma de servir à sociedade.

Entretanto, olhar o homem e o mundo sob o prisma exclusivo de uma ideologia conduz a visões parciais da realidade social e política. Exatamente por isso é que as ideologias ganham formato concreto materializando-se em partidos políticos que representam, justamente, partes do todo social. Estes, quando autenticamente ideológicos e não meras corporações fisiológicas que buscam somente privilégios pessoais ou de grupos, em detrimento do bem comum, erigem-se em ferramentas indispensáveis à democracia e ao progresso.

Diversamente das ideologias, a filosofia permite um olhar mais amplo de homem e de mundo. O espiritismo, por exemplo, extrapola qualquer proposta ideológica e oferece a seu atento estudioso uma perspectiva acerca do ser, sua origem e destino, capaz de conferir um sentido pleno de significações e de racionalidade à existência humana e ao mundo em seu entorno. Definido pelo pensador espanhol Manuel Gonzales Soriano, no livro “El Espiritismo es la Filosofía”, como “síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicados à investigação da verdade”, o espiritismo, doutrinariamente, é uma proposta de conhecimento e de vida que consagra todos os grandes valores da existência humana, onde figuram, e destacadamente, os da igualdade entre todos os seres humanos e da liberdade como instrumento do processo evolutivo do espírito imortal.

Mais, pois, que uma ideologia, o espiritismo é essencialmente uma filosofia. Assim, seria imprudente tachá-lo como “de esquerda” ou “de direita”. Tentativas de aproximações entre ele e as demandas desenvolvidas por uma ou outra ideologia são válidas na medida em que, na proposta espírita, carregada de autêntico humanismo,

desenvolvem-se valores presentes nas visões parcialmente adotadas pelas ideologias. Isso não obstaculiza a que o espírita, como cidadão e como agente de transformação das instituições políticas e sociais do mundo, assumam esta ou aquela ideologia, valendo-se dos respectivos instrumentos formais de atuação para impulsionar aqueles valores humanos que lhe pareçam mais adequados à sociedade onde viva.

Assim, não deve causar qualquer desconforto ou sensação de indevida inversão doutrinária a existência, como a que agora foi anunciada, do movimento “espíritas à esquerda”, reunindo espiritistas que lutam politicamente por debelar arraigadas desigualdades sociais e que, em determinadas fases da história, se intensificam, por força de resistências conservadoras, sempre presentes na sociedade.

Tampouco, a adoção de ideias liberais, de parte de espíritas afeitos a essa proposta ideológica contrária, em tese, a proposta espírita. As tantas vertentes e segmentos, mais ou menos radicais, em que se desdobram as chamadas “direita” e “esquerda” no mundo, permitem vislumbrar em ambos os campos ideológicos elementos capazes de contribuir com a boa política, conduzindo-a a estágios eticamente melhores do que até aqui alcançados.

O que deve se tornar inegociável para o espírita, isto sim, é a defesa da democracia, da lisura na política em prol do bem comum, assim como a prática da tolerância e do diálogo com os que pensam de forma diferente. À luta da igualdade e da liberdade deve-se agregar a ideia generosa da fraternidade, como propuseram os teóricos iluministas que desbravaram os caminhos condutores ao moderno estado democrático de direito.

Menos aceitável ainda é que os cultivadores da filosofia espírita, que é de amor e de tolerância, se tornem agressivos uns com os outros, na defesa de suas posições políticas, desrespeitando normas de cortesia e fazendo com que o debate político descaia para o campo da agressão pessoal, do chulo, do grosseiro, do incivilizado.

Também é inaceitável que, em nome de uma ideologia, se justifiquem atos de corrupção ou se apoiem políticas contrárias aos direitos fundamentais do ser humano, tais como a tortura, a violência estatal contra o cidadão, a discriminação religiosa, a misoginia ou o racismo. Posturas dessa natureza são, sim, incompatíveis com o espiritismo e deverão, em qualquer regime político e sob qualquer governo, ser combatidas pelos espíritas autênticos: aqueles realmente capazes de sobrepor a excelência filosófica espírita às provisórias ideologias de um mundo em transformação.

Inegociável para o espírita é a defesa da democracia, da lisura na política em prol do bem comum, assim como a prática da tolerância e do diálogo com os que pensam de forma diferente.

Opinião do leitor

A Questão de Deus no Espiritismo

O artigo de Salomão Jacob Benchaya (*Opinando/out/2019*) está excelente. Escrevi exatamente isso em meu livro “Seja feita a sua vontade”. Nossos pensamentos se cruzam sobre o assunto. Falo do deísmo e do teísmo. Digo que Kardec misturou as duas coisas. Parabéns! **José Lázaro Boberg – Jacarezinho/PR.**

Parabéns ao Opinião

Sou assinante deste jornal editado pelo Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Já editei, sempre em coletividade, alguns jornais. Atualmente fazemos um em nossa cidade. Sei da dificuldade desse trabalho. Acho que posso dizer que o *Opinião* é muito bom. Em pouco espaço e diagramação enxuta conseguem um resultado excelente. E um precioso conteúdo, raro na imprensa escrita, como se sabe. Parabéns! **Agostinho José Soares – Paraisópolis/MG.**

Sobre Deuses e Demônios

Do editorial de *Opinião* n.278: “Para a filosofia espírita, o mal só existe como ausência provisória do bem”. Apetece fazer um quadrinho “daqueles” com citações! **Célia Aldegalega – Lisboa/Portugal.**

Texto do editorial “Sobre Deuses e Demônios” muito bom, excetuando “injustiçados”. Nas leis divinas, naturais, de Deus, ou também conhecidas como leis espíritas, não existem injustiçados. A cada um segundo suas obras. Excelente reflexão! **Célia Bacchini – Piracicaba/SP.**

Nota da Redação: As desigualdades sociais são obras dos homens e não de Deus” (L.E.q.806). Portanto, existem, sim, os “injustiçados”.



CCEPA
Opinião

ORGÃO DO CENTRO CULTURAL ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE
Departamento de Comunicação Social

Rua Botafogo 678 - Menino Deus - P. Alegre - RS
FONE: (51) 3209 2811 - CEP 90150-050
E-mail: ccepars@gmail.com
Blog: <http://www.ccepa-opiniao.blogspot.com.br>
EDITOR CHEFE: Milton R. Medran Moreira
Jornalista - Reg. Prof. MTb3.352

IMPRESSÃO:
Evangraf - www.evangraf.com.br
Fone: (51) 3336 2466 - Porto Alegre/RS

ASSINATURA

CONSELHO EDITORIAL:
Maurice Herbert Jones
Salomão Jacob Benchaya
Rui Paulo Nazário de Oliveira
Neventon Vargas (João Pessoa - PB)
REVISÃO: Salomão J. Benchaya
SECRETARIA: Tereza San Martins Samá
EXPEDIÇÃO: Rui P. Nazário de Oliveira
DIAGRAMAÇÃO & ARTE: Evangraf

Envie o seu pedido de assinatura para o CCEPA, Rua Botafogo 678, Porto Alegre-RS, CEP 90150-050, acompanhado de um cheque nominal no valor de R\$ 50,00 e receba, por um ano, este vibrante mensário, porta-voz do pensamento espírita dinâmico e inovador, cultivado no Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Assinatura anual para o exterior: US\$50,00



Opinião em tópicos
Milton Medran Moreira

A santa dos pobres

Escrevo esta coluna quando, no Vaticano, a Igreja Católica canoniza a primeira santa realmente nascida no Brasil, a Irmã Dulce, da Bahia.

Ao assistir, pela televisão, às solenidades de santificação da freirinha de Salvador, com tantas pompas e circunstâncias, a primeira pergunta que me vem à mente é de como ela, nas paragens espirituais onde se encontra, estará encarando todo essa liturgia envolvendo poderosos da religião e da política, onde também não faltam cenas explícitas de uma idolatria incompatível com sua humildade.

Vi, dias antes, a lista de autoridades e excelentíssimas esposas, muitas por conta do erário público, que se dirigiram a Roma, integrando a comitiva oficial. Eram cerca de 30 pessoas. O recém empossado Procurador-Geral da República ensaiou viajar às expensas do Ministério Público. Diante de repercussões internas e externas, terminou anunciando que pagaria sua própria viagem e da consorte. Pelo menos ali, vigorou o princípio da laicidade no Estado.

O que ela diria?

“Sei não”, como costumam falar os baianos, mas acho que se a Igreja, como se fazia no tempo dos primeiros cristãos, segundo alguns tratadistas, ainda guardasse o hábito da comunicação com os mortos, perguntasse à irmãzinha o que achava de tudo isso, ela teria uma resposta na ponta da língua (que, afirmam seus biógrafos, era ferina, quando se dirigia aos ricos): “Juntem esse dinheiro todo, das solenidades, das viagens, das pompas diplomáticas, etc. e transfiram ao meu hospital de caridade que segue atendendo a população desassistida de Salvador”.

Também sei não se ela autorizaria ter sua imagem colocada num altar para que diante dela se ajoelhassem pessoas para louvá-la ou lhe pedir milagres os quais, talvez, ela não possa fazer, desde que contrários às inderrogáveis leis naturais da vida.

Os milagres e os santos

Para se tornar santo, o sujeito precisa fazer milagres. Essa é uma das regras das canonizações. Talvez um dia a Igreja revise essa norma, na medida em que milagre nada mais é do que derrogação das leis da natureza. Logo, nem Deus, nem santos fazem milagres. Poderão, sim, se utilizar em favor dos seres humanos de leis naturais que ainda não conhecemos bem e que, nem por isso, são sobrenaturais. Fatos extraordinários, ainda não explicáveis pela ciência, ocorrem em todos os setores da vida, nas religiões, sejam quais forem, ou fora delas. De curas inexplicáveis, de adiamentos de mortes tidas por iminentes, todos nós temos notícia a cada momento. Às vezes derivam de forças interiores dos próprios pacientes, outras da intervenção de espíritos nem sempre identificados, capazes de manipular recursos que a medicina desconhece. Poderão também resultar de esforços médicos aqui mesmo desenvolvidos, embora imperceptíveis a seus próprios agentes, ou ainda não integrantes dos protocolos oficiais. O que não podemos é atribuir, com certeza, esses fenômenos àquela entidade que invocamos e lhe conceder, assim, a condição de milagreiros.

Santos

Santos não precisam fazer milagres. Tampouco para sê-lo precisarão integrar uma religião. Podem até não cultivar a fé em qualquer delas. Quando da morte de Betinho, o grande sociólogo brasileiro que concebeu uma ampla campanha para reduzir a fome no Brasil, Carlos Heitor Cony sugeriu, numa crônica, que ele fosse canonizado. Seria o primeiro santo laico brasileiro. Acho que a sugestão do cronista não chegou ao Vaticano que, em tempos de pluralismo e de reformas do Papa Francisco, bem que poderia fazer isso com outras grandes figuras da humanidade, reconhecidamente virtuosas, mesmo não sendo católicas ou religiosas, como Mahatma Gandhi, Chico Xavier, Albert Schweitzer, Martin Luther King e Albert Einstein.

Este último, aliás, definiu Deus como sendo “a lei e o legislador do Universo”, um conceito com o qual concorda o espiritismo. Visto assim, ao operar um milagre, a divindade estaria derogando sua própria legislação ou derogando-se a si mesma. Faz sentido?



Opinando
Salomão Jacob Benchaya

A QUESTÃO DE DEUS NO ESPIRITISMO (II)

Nos textos básicos do espiritismo não está muito clara a concepção da divindade, ora apresentada sob a ótica do Deísmo – Deus como inteligência suprema e causa primária, que se manifesta através de leis naturais e universais -, ora sob o ângulo do Teísmo – Deus criador, providencial, pessoal, controlador e interventor.

Na linguagem empregada em vários trechos do Livro dos Espíritos, por exemplo, é perceptível a conotação teísta do judaico-cristianismo-islamismo.

Sobre esse tema, recolho do livro “Novas Ideias” (ICKS Edições – 2007), de Jaci Regis, desencarnado em 2010, citações que denotam a permanência, entre os agentes codificadores, de uma visão antropomorfizada de Deus.

Deve ser reconhecido que Kardec se preocupou em despersonalizar a divindade, como se observa nas questões 963 e 964 de OLE, além da sua questão primeira, já comentada. Mas não conseguiu desvincular-se totalmente dos condicionamentos das religiões monoteístas.

Por falta de espaço, vou reproduzir como amostra, resumidamente, algumas expressões mencionadas em O Livro dos Espíritos em que Deus é tratado como se fosse pessoa, interferindo na Humanidade. Entre parênteses, vai o número da questão para auxiliar o leitor na sua pesquisa. (LE-17): “Deus não permite que ao homem tudo seja revelado neste mundo”. (LE-20): “Sim, se o julgar conveniente, Deus pode revelar o que à ciência não é dado apreender”. (LE-123): “Como ousais pedir a Deus contas de seus atos? Supondes poder penetrar-lhe os desígnios?” (LE-663): “As vossas provas estão nas mãos de Deus...” “Julgais, de ordinário, que Deus não vos ouviu...” (LE-737) “Com que fim fere Deus a Humanidade por meio de flagelos destruidores? Para fazê-la progredir mais depressa...” Ora, se não conhecemos a natureza essencial de Deus, como podemos achar que Ele age, pensa, decide, permite, agracia, pune, revela, julga, atitudes que são típicas do ser humano?

Por outro lado, a tentativa de Kardec de relacionar os atributos divinos – eternidade, infinitude, imutabilidade, imaterialidade, unicidade, onipotência, soberana justiça e bondade -, calcados em concepções humanas limitadas, acaba confirmando a ideia do “deus criado à imagem e semelhança do homem”.

Aliás, há entre os espíritas quem critique Kardec por ter adentrado demais nessa questão, alegando ser o Espírito o objeto de estudo e observação do espiritismo. Entre os gnósticos Deus é referido como o “Incognoscível”, desconhecido e impossível de conhecer, o “Theos Agnostos”, Deus desconhecido, dos gregos.

Mas, se levarmos em conta o contexto cultural e religioso do século XIX, a abordagem de Kardec não deixa de ser um avanço.

Isso não nos impede de, atentos à recomendação do próprio Kardec quanto à progressividade do espiritismo, prosseguir nas reflexões e análises que possam escoimar o pensamento espírita do ranço bíblico. Jaci Regis lembra que “Deus governa pela Lei Natural ou divina”.

Quer me parecer que, quanto mais tentamos esmiuçar a natureza de Deus, mais o apequenamos. Bem fazem algumas culturas orientais que são indiferentes a esse questionamento.

“O espiritismo tem que encontrar uma nova linguagem para falar de Deus, rompendo com o modelo católico” recomenda Jaci Regis. E eu diria que, sobretudo, com o auxílio da Ciência e da Filosofia.

OPINIÃO DE...



CHICO XAVIER

“Até hoje, pessoalmente, eu nunca recebi qualquer notícia positiva a respeito da presença de Allan Kardec reencarnado no Brasil ou alhures. Entretanto, eu devo dizer que em se tratando desses vultos veneráveis do nosso movimento, seja do cristianismo, seja do espiritismo, pessoalmente eu tenho muito receio de receber qualquer notícia, porque temo, pela minha fragilidade, e estimaria não ser o médium de notícias tão altas. (...) Pensamos que, quando Allan Kardec surgir ou ressurgir, ele dará notícias de si mesmo pela sua grandeza, pela presença que mostre” (Entrevista concedida por Francisco Cândido Xavier a Hercullano Pires no programa “Limiar do Amanhã” – 1971)
Fonte: <http://www.institutochicoxavier.com/index.php/informativo/entrevistas-2/2614-entrevista-com-chico-xavier/>



Encontro Espírita Uruguaio-Brasil

Coordenado pelo Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, um grupo de espíritas participa, em 15 e 16 deste mês, de encontro com companheiros uruguaios de ideal. A iniciativa partiu de **Ruben de los Santos**, um estudioso da doutrina espírita, residente em Montevidéu, onde coordena o movimento *Espiritismo en Uruguay*, integrado por pequenos grupos de estudos doutrinários. O convite foi formulado ao CCEPA que, por sua vez, buscou a contribuição de alguns companheiros de outras instituições dispostos a viajarem à capital uruguaia para o encontro. Assim, pelo CCEPA participarão **Donarson Floriano Machado** e **Milton Medran Moreira**. Pela Sociedade Espírita Casa da Prece, de Pelotas, participará **Homero Ward da Rosa**, e pelo Grupo Espírita Livre Pensador (São Paulo), **Alcione Moreno**. Em mesas-redondas com os anfitriões uruguaios, os brasileiros abordarão temas fundamentais da doutrina espírita. Em sua página no Facebook, os espíritas uruguaios assim estão anunciando o encontro: <https://www.facebook.com/pages/category/Community/Primer-Encuentro-Esp%C3%ADrita-Uruguayo-Brasile%C3%B1o-1207889292685268/>



Paulistas discutem os fundamentos do Espiritismo

O mês de novembro marca a realização, na capital paulista e cidades próximas, de um evento para discutir os fundamentos do espiritismo, numa perspectiva atualizada e livre-pensadora. É o **I Fórum do Livre Pensar Espírita da Grande São Paulo**, que tem o apoio da CEPA e da CEPA Brasil.

Serão palestrantes **Mauro de Mesquita Spínola**, **Dora Incontri**, **Wilson Garcia**, **Paulo Henrique de Figueiredo** e **Ademar Arthur Chioro dos Reis**. Uma mesa de debates com a participação de **Eduardo Valério**, **Ricardo Nunes** e **Reinaldo Di Lucia**. Veja detalhes, abaixo:



Mauro de Mesquita Spínola, Diretor Administrativo da CEPA abre o Fórum, no Grupo Espírita Manoel Bento, no bairro de Santana.

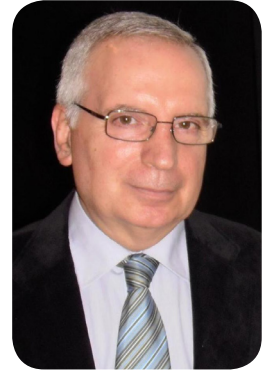
Evento: I Fórum do Livre Pensar Espírita da grande São Paulo
Tema: Fundamentos do Espiritismo
Seguem locais e datas:

| | |
|--|---|
| 11/11/19 Grupo Espírita Manoel Bento 20h Palestrante: Mauro de M. Spínola Rua Alfredo Pujol, 79, Santana São Paulo - SP | 19/11/19 Centro Espírita Mariana Bruck 20h Palestrante: Paulo Figueiredo Rua Caracaru, 59 Jd. Cumbica Guarulhos - SP |
| 12/11/19 Centro Espírita Nova Era 20h30 Palestrante: Dora Incontri Rua Martim Afonso, 78 Casa 6 Belenzinho São Paulo - SP | 21/11/19 Centro de Estudos Espíritas José Herculano Pires 20h15 Palestrante: Ademar Arthur C. Reis Rua Alicante, n. 389 Penha São Paulo - SP |
| 13/11/19 Centro Espírita José Barroso 20h Palestrante: Wilson Garcia Rua Inácio de Araujo, 255 Brás São Paulo - SP | 23/11/19 C.E.D.E. Os Caminheiros da Luz 17h • 20h Encerramento com Coquetel Mesa de Debates: Eduardo Valerio Ricardo Nunes Reinaldo Di Lucia Rua Conde Prates, 360 Mooca São Paulo - SP |

XXIII Congresso Espírita – 2020 CEPA PREPARA SEU CONGRESSO ESPÍRITA NA ESPANHA

Será de 9 a 12 de Outubro de 2020, em Salou, Tarragona, na região da Catalunha, Espanha, o **XXIII Congresso Espírita da CEPA**.

O evento marca o início de uma fase na história da antiga Confederação Espírita Pan-Americana – hoje CEPA Associação Espírita Internacional -, fundada em 1946, na Argentina. Até o ano de 2016, a entidade congregava apenas espíritas e instituições sediadas no território das Américas. Desde o XXII Congresso, então realizado na cidade de Rosario, Argentina, a CEPA passou a reunir pessoas e instituições espíritas da América e da Europa, podendo agregar, igualmente, associados do mundo inteiro, por força de sua abrangência internacional. Por seu caráter eminentemente livre-pensador e progressista, a CEPA atrai espíritas voltados ao estudo e à pesquisa do fenômeno e da doutrina espírita numa perspectiva igualmente progressista e livre-pensadora.



David Santamaría, presidente da Comissão Organizadora do Congresso da CEPA.

Temática central e fórum de temas livres

A temática central, **O Espiritismo ante os Desafios Humanos**, permitirá que conferencistas e painelistas convidados desenvolvam uma enorme gama de assuntos de interesse da sociedade atual, à luz dos princípios da imortalidade do espírito, reencarnação e demais fundamentos do espiritismo, presentes, especialmente, nas obras básicas de Allan Kardec. O presidente da Comissão Organizadora, David Santamaría (foto), dirigente do Centro Barcelonês de Cultura Espírita, está ultimando os convites a espíritas de vários países para atuarem como conferencistas e debatedores dos diversos “desafios” sugeridos pelo tema central.

Mas, como tem acontecido em todos os congressos da CEPA, haverá, igualmente, espaço para o **Fórum de Temas Livres**, para o qual poderão inscrever trabalhos espíritas e estudiosos do espiritismo do mundo inteiro. O regulamento para esse espaço democrático será brevemente publicado.

Aos interessados em participar do Congresso da CEPA/2020, recomendamos permaneçam atentos às informações veiculadas na página oficial da CEPA:

<http://cepainternacional.org/site/pt/xxiii-congresso-espírita-2020>

Jon Aizpúrua, Sócio Honorário de “Constancia”

Em comunicado enviado à presidente da CEPA, **Jacira Jacinto da Silva**, e por esta repassado a este periódico, a presidente da Asociación Espiritista Constancia, de Buenos Aires **Nilda Y Brunetti**, informa que aquela instituição, em Assembleia Geral de 21 de Setembro último, deliberou outorgar ao escritor espírita **Jon Aizpúrua** (foto), ex-presidente da CEPA, o título de sócio honorário daquela instituição.

Constancia, entidade filiada à CEPA, é o mais antigo centro espírita em funcionamento no mundo, tendo sido fundada no ano de 1877.





Registros da Grande Imprensa

veja São Paulo

Veja São Paulo qualifica Divaldo Franco como “Médium de Direita”

Com o título de “*Médium de Direita, Divaldo Franco ganha o segundo filme*”, a edição da revista *Veja São Paulo* publicou em 18/10/2019, extensa reportagem, assinada pela jornalista **Ana Carolina Soares**, tendo como tema o médium baiano **Divaldo Pereira Franco**, que acabara de lançar o filme *Divaldo – o Mensageiro da Paz* e que se prepara para ser tema de um segundo filme.

Além de fazer referências ao êxito da película que, naquela semana, atingia o número de 385.000 espectadores, a reportagem abordou aspectos não enfocados no filme sobre a vida do médium de 92 anos. Um deles refere-se às posições políticas do espírita baiano. À reportagem, Divaldo declarou: “*Não acompanho política, mas não sou covarde e expresso minhas opiniões*”. Confessou não haver votado na última eleição por ter esquecido o título, mas que se tivesse votado teria preferido Bolsonaro: “*O atual presidente representava uma esperança, apesar de eu não aprovar seus discursos a favor da tortura*”, disse. Mas também declarou que, em eleições anteriores, por duas vezes, votou em Lula: “*um nordestino que persistiu e venceu*”. Declarou-se também fã de Sérgio Moro, “*ministro da Justiça que colocou o ex-presidente na cadeia*”. “*Ao prender Lula, deve ter cumprido a lei*”, disse Divaldo à repórter, não poupando também elogios a **João Doria**, por ele qualificado como “*homem honrado e competente*”. O filme de Divaldo foi produzido pelo irmão do governador paulista João Doria, Raul Doria.

A reportagem registrou que “*para alguns líderes espíritas, sobre política, o médium deveria fazer de sua boca um túmulo*”. A pedagoga espírita **Dora Incontri**, coordenadora da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita, declarou à reportagem: “*Ele influencia muita gente e, como se porta como líder, parece que toda a nossa comunidade segue seu pensamento, o que não é verdade*”.

Na foto abaixo, publicada na reportagem, Divaldo com o governador João Doria e esposa.

Para ler a reportagem completa: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/medium-divaldo-franco/>



CartaCapital

Carta Capital publica matéria sobre “Espíritas à Esquerda”

Em sua edição de 21 de outubro, no jornal paulista *Carta Capital*, o colunista **Franklin Félix** publicou matéria com o título de “**Somos espíritas e de esquerda, graças a Deus**”. O articulista comenta a repercussão da matéria de *Veja* sobre Divaldo, dizendo que ela acirrou a discussão sobre se o espírita pode ou não debater sobre questões político-partidárias: “*Para nós não só pode, como deve, porque não estamos alheios às questões sociais do País*”, afirma Franklin, acrescentando: “*O problema, para nós, é quando espíritas de alta plumagem, travestidos de uma pseudoimparcialidade, que sabemos não existir, utilizam-se de seu prestígio vaidoso para apoiar ideias que não têm absolutamente nada a ver com os princípios defendidos por Kardec e muito menos com os ensinamentos do Cristo*”.

O colunista fez um histórico sobre a formação do grupo “Espíritas à Esquerda”, existente desde 2016 e que promove debates sobre política, via Whats App, mantendo página no Facebook. Pela primeira vez, o grupo programou para 26 de outubro, em Salvador, um encontro presencial: I Encontro Nacional Espíritas à Esquerda, em cuja programação constava a abordagem e discussão de temas da 3ª parte de *O Livro dos Espíritos*, sobre trabalho, sociedade e igualdade. A matéria completa está em: https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/somos-espíritas-e-de-esquerda-gracias-a-deus/?fbclid=IwAR3C2TwXrliFMjY9ifBaykjCusnyp51IGjy_1HKL_nOKDPk16miK5gtM_sQ

Leia também o editorial da pag. 2 deste jornal: “**Esquerda e Direita – o espiritismo onde se situa?**”.

CCEPA reorganiza sua biblioteca

O Centro Cultural Espírita de Porto Alegre está com sua biblioteca renovada. O trabalho foi feito sob a orientação do Diretor de Estudos Espíritas **Beto Souza**, que “arregaçou as mangas” e, com luvas e máscara, aplicou cupinícida nas estantes de madeira, descartou as obras já danificadas pelos insetos e selecionou livros destinados à doação a outras instituições.

Com cerca de 1.500 livros, incluindo aí algumas obras raras, a biblioteca do CCEPA serve como fonte de estudo e de pesquisas aos estudantes da instituição e eventuais visitantes.

O trabalho de seleção e reorganização do acervo da instituição prossegue com a colaboração de outros trabalhadores do CCEPA, coordenados por Beto, como mostra a foto.





Espiritismo e Autonomia

Dois conceitos presentes na obra do escritor Paulo Henrique de Figueiredo (foto) sobre a natureza do espiritismo e acerca de sua revolucionária proposta de autonomia moral: Nos artigos “Espiritismo é Religião?” e “Diferindo de todas as religiões tradicionais, o Espiritismo é a única proposta de Autonomia Moral”, o escritor paulista que esteve no CCEPA, no último dia 3 de novembro, sintetiza conceitos básicos de seus livros “Revolução Espírita” e “Autonomia – A História jamais contada do Espiritismo”.

Espiritismo é religião?

Dúvida antiga e muito incompreendida. Mas a questão é simples, quando buscamos a resposta em sua origem, nas explicações de Kardec.

A doutrina espírita pode ser útil a todas as religiões. Só não pode tornar-se ela uma delas. Senão sai da condição de conhecimento fundamental e se equipara na disputa pela salvação, como promessa aos fiéis de uma seita.

Nem pode associar-se a um corpo dogmático, senão sincretiza-se e deixa de ser basililar e progressivo. Sua essência é como a Física, Biologia, Cosmologia: um entendimento das leis universais, no caso, pelo ponto de vista dos espíritos sábios.

Além disso, considerando o sentido filosófico do termo “religião”, Kardec se referia a um significado bastante presente em seu tempo, o de religião natural. Vem do fato de naquela época as ciências humanas se fundamentarem no espiritualismo racional, independente de credo religioso. Estando Deus presente na natureza como causa e imanente, estamos todos relacionados naturalmente com ele.

Há quem busque o significado etimológico da palavra no latim *religare*, que significa religação. Mas esse significado é confuso, pois nunca, jamais nos desligamos de Deus. O sentido que a doutrina espírita promove, pela natureza de sua mensagem, é o laço natural que nos une de forma solidária, entre nós, e entre nós e o Criador.

Dessa forma, o importante está no que ele representa para nós, pois compreendendo o Espiritismo como filosofia de vida, não haverá diferença entre compreensão e ato, ou seja, será uma doutrina vivenciada, transformadora. As religiões tradicionais colocam o fiel em postura de submissão, de espera, de pedinte de recompensas e também temeroso de castigos. Nada disso será encontrado no Espiritismo bem compreendido. É dever daquele que bem o compreendeu divulgar essa visão original, para resgatarmos sua essência primeira!

Diferindo de todas as religiões tradicionais, o Espiritismo é a única proposta de AUTONOMIA MORAL

A base fundamental da revolução espírita está no estabelecimento da autonomia moral como base da educação e das relações sociais humanas. Mas o que é autonomia moral?

Afirma-se na *Revista Espírita* de 1870, página 91:

“O estado de direito, a autonomia da consciência individual, o progresso moral e intelectual, o reinado do amor e da justiça, será o futuro para o qual o espiritismo dá a base fundamental”.

Tradicionalmente, as religiões positivas, a escola tradicional e os governos, desde o início da civilização, submetem as pessoas à autoridade pela obediência passiva, ditando o modo de agir sob o regime do castigo e da recompensa, conforme o princípio da heteronomia. Segundo a visão dogmática do cristianismo, todos são pecadores, os que não forem salvos, após o julgamento final, sofrerão eternamente no inferno. Os salvos vivenciarão a plenitude do céu. Neste pensamento, há dependência, submissão, obediência cega quanto ao indivíduo. E, coletivamente, na comunidade heterônoma,

há segregação, competição, divisão. Alguns se consideram melhores do que os outros.

Isso não é novidade para ninguém! Não só essa orientação foi imposta pelas religiões tradicionais como sendo a relação com Deus, como também a sociedade materialista impõe a competição, segregação entre uma minoria superior e a grande massa conside-

rada subserviente. Nas escolas, as crianças competem para serem as melhores, as que não se desempenham bem são castigadas. A moral heterônoma é o padrão das relações sociais.

Por sua vez, a autonomia moral e intelectual pressupõe o uso da razão e do senso moral para o autogoverno e o desenvolvimento da personalidade. Essa será a grande mudança que transformará o mundo! Quando as pessoas se relacionam de forma autônoma, há um respeito bilateral, ocorre a cooperação e o apoio mútuo, e não a competição. Há uma valorização da diversidade, e, por isso, a inclusão se torna natural. Não há medo de errar, mas a tentativa é que leva ao conhecimento. Cada indivíduo tem seu valor, sua contribuição, algo que o torna relevante. Todos merecem, enfim, a igualdade de oportunidades!

Enquanto pensadores como Rousseau, Kant, Piaget, Paulo Freire, fundamentaram a educação pela liberdade como fator de transformação da humanidade, o espiritismo revela que a autonomia é a lei natural que rege a relação do espírito com a humanidade universal. Ou seja, é fantasiosa a ação arbitrária de Deus castigando ou recompensando, como se ajuizava nas doutrinas religiosas e sociais do velho mundo.

A moral espírita se fundamenta na autonomia moral, essa é a questão central dessa proposta filosófica moderna. Desse modo, o Espiritismo apoia todas as iniciativas que concorrem para esse objetivo. Será esse o caminho pelo qual ocorrerá a regeneração da humanidade, pelo esforço voluntário de cada um! Mãos à obra!

(artigos publicados originariamente no blog revolucaoespirita.com.br/)



Tradicionalmente, as religiões positivas, a escola tradicional e os governos, desde o início da civilização, submetem as pessoas à autoridade pela obediência passiva, ditando o modo de agir sob o regime do castigo e da recompensa.